

À espera do combate

Começaram pelas secretarias e serviços de apoio, mas agora é vê-las nos carros de combate e na infantaria, de espingarda na mão ou manuseando equipamentos de aquisição de alvos na artilharia. São as novas mulheres do Exército, um percurso iniciado faz hoje precisamente 15 anos, numa adolescência a galopar para a idade adulta. É a procura de um lugar ao sol rasgando preconceitos.

Mas o igualitarismo nas fileiras vai ter custos. O Estado-Maior do Exército aponta que as mulheres "querem cada vez mais aceder a especializações" que, em caso de conflito, as pode colocar na linha de frente. "É nossa intenção abrir ainda mais as opções na 'componente de combate', mas vamos também estabelecer iguais níveis de exigência independentemente do sexo", garante-se.

É que até agora a selecção de voluntários tem tido por base duas tabelas, com distintas exigências para homens e mulheres, mas "é intenção do Exército eliminar essas diferenças, que se verificam de um modo mais acentuado nas provas físicas".

Foi a 30 de Março de 1992 que a primeira fornada de mulheres chegou ao Exército, entrando pela porta-de-armas do então Batalhão de Informações e Reconhecimento das Transmissões na Trafaria, na Margem Sul do Tejo.

A presença de mulheres nas fileiras do ramo terrestre tinha tido antes um enquadramento muito próprio, incidindo exclusivamente na área médica, mas isso também ajudou a alterar condutas e mentalidades. E o número tem sido sempre em crescendo, particularmente com o fim do serviço militar obrigatório, em 2004. "Hoje, as mulheres são 3 017, num total de efectivos de voluntários e contratados de 14 906", aponta, ao JN, o Estado-Maior do Exército.

E ainda que na junção entre voluntários e contratados e os do Quadro Permanente, a relação seja diferente - as mulheres são 15 por cento do efectivo total, ou seja, em 21 042 militares, 3 165 são mulheres -, é cada vez maior o número de mulheres que se voluntarizam para entrar no Exército, a grande maioria originárias do Norte e do Centro do país, aliás como os homens. E já este ano as mulheres preenchem 29 por cento das candidaturas.

Mas, para elas, há ainda muito caminho a percorrer. A segundo-sargento de Infantaria Ana Magina é desta opinião foi a primeira classificada do curso de sargentos - entre homens e mulheres - e a sua opção pela arma de Infantaria justificou-se "por ser a que mais exigência física implica". Passou pela Bósnia, mas agora os seus horizontes são outros: "Gostava de entrar para um força especial". Já se ofereceu para os pára-quedistas, mas o seu grande objectivo é o Centro de Instrução de Operações Especiais. Reconhece que a parte física pode ser um obstáculo, mas contra-argumenta: "Actualmente as operações especiais têm missões onde as mulheres são necessárias". Recusa especificar por razões associadas ao secretismo que cada vez mais rodeia aquele tipo de forças. O JN dá-lhe uma ajuda: "Está a falar de infiltração, num meio comum, para recolha de informação? É isso que quer dizer?". Responde com um sorriso e um silêncio.

Desafio e constrangimento

Mas há quem já tenha atingido o objectivo. Elisabete Silva, uma tenente de 27 anos, nascida em Lousada, tem a seu cargo uma força de carros de combate M-60 e blindados M-113. "Comando um pelotão de reconhecimento", diz a jovem que, um dia, quis entrar para a Academia Militar, para a arma de Cavalaria. Trepa para o M-60 e instala-se na torre do carro. Dali, a jovem bonita e elegante e de



Patrocínio

voz suave, tem o poder de destruir um alvo blindado num raio de dois mil metros, mas o stress do combate não a assusta "não há diferença entre um homem e uma mulher, é uma questão de treino".

A soldado Sónia Rodrigues faz parte do pelotão da tenente Silva e afadiga-se no lugar de condutor do M-113, mas lamenta não ter podido ir para o Líbano "Já não houve possibilidade". Veio de Fafe para a Brigada de Santa Margarida e dela destacam outros oficiais a dedicação e o espírito de sacrifício.

São características que, no entanto, são reconhecidas a outras mulheres, onde apenas a gravidez traduz constrangimentos. Mas há outras características reveladas num desafio ao JN por parte da tenente Silva "Já agora pergunte aos meus homens o que acham do meu comando". Um olhar de desafio acompanha as palavras. Argumentamos que a sua presença e que o espaço físico do quartel são condicionantes de uma resposta objectiva, mas o olhar mantém-se.

Partimos para as perguntas e, embora as frases sejam encurtadas pelo constrangimento, a conclusão é só uma as mulheres estão menos disponíveis para aceitar erros, delas e dos outros. A tenente sorri e vira as costas - ela como a sargento Felgueira, também de cavalaria e do quadro permanente, numa cumplicidade de mulheres e combatentes.

Helena Pinto foi das primeiras mulheres a chegar ao Exército. Foi em 1990, antes das fornadas que abriram caminho na Trafaria. A sua condição de militar ganhou-a no dia 1 de Abril, ao transpor a entrada do então quartel de Tavira. E ganhou-a porque "chegar à vida militar era uma ambição. Sempre gostei do rigor, da disciplina, da farda". Na altura já tinha concluído Medicina e frequentava a especialidade de Pneumologia, mas o "primeiro dia no quartel não foi agradável". O que a chocou não foi, no entanto, a farda ou a saída do ambiente familiar - "estava casada e já tinha um filho". É que, no quartel, além dos instrutores, esperavam-na os jornalistas, perguntas, disparos de flashes, tudo repentino. Passou a formação e seguiram-se os quartéis, mas do que mais gostou foi de Santa Margarida. "Estive lá dois anos, comandava a Companhia Sanitária e andávamos sempre em exercícios", diz. Teve entretanto um segundo filho, que levou para Santa Magarida "para não sobrecarregar o meu marido, que tinha ficado com o outro". As missões sucederam-se e chegou naturalmente à Bósnia. Hoje, a tenente-coronel de 46 anos é subdirectora do Hospital Militar de Belém e partilha o tempo entre o gabinete e as consultas, mas a memória profissional está nos exercícios "Profissionalmente foi muito bom". E o Exército mudou muito? "Mudou e continuará a evoluir".

Carlos Varela, João Girão

publicado a 2007-03-30 às 00:00

Para mais detalhes consulte:

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=696523

GRUPO CONTROLINVESTE

Copyright © - Todos os direitos reservados